



A LITERATURA NO CINEMA

POR JOÃO DA MATA COSTA

Todas as artes estão relacionadas. A sétima arte visitou a literatura desde o seu nascedouro. As adaptações para a tela de romances consagrados nem sempre foram bem sucedidas e alguns clássicos da literatura foram filmados diversas vezes. Nesse ensaio discutimos a transposição de três grandes clássicos da literatura universal e ramakes. O Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes. O Fausto, de Goethe (*foto: Fausto, de Murnau*) e Madame Bovary, de Flaubert. Três grandes personagens e tramas que se adaptam perfeitamente a um roteiro cinematográfico.

Impossível transpor os inúmeros planos e níveis suscitados pela leitura para a tela. O Filme é uma outra leitura da obra e desejar comparar uma linguagem com a outra não tem propósito. Alguns títulos, tais como o Dom Quixote e o Fausto, foram filmados diversas vezes pelos maiores cineastas da história do cinema. Muitas vezes o filme pode despertar a curiosidade de um futuro leitor da obra. Quase sempre o roteiro cinematográfico corta fundo o texto original, impossível de ser transportado integralmente no tempo limitado de uma exibição de cinema comercial. Algumas vezes são filmadas só algumas cenas do livro em curtas metragens. Grandes clássicos foram teatralizados e depois transportados para a tela.

Existe também o caso de filmagens feitas à partir de adaptações literárias do texto original. Caso do Monsenhor Quixote escrito pelo grande escritor inglês Grahman Greene inspirado no D. Quixote de Cervantes

Palavras Chaves: Cinema. Literatura. Quixote. Fausto. Madame Bovary

O Dom Quixote no Cinema

Em 2005, o mundo inteiro comemorou os 400 anos da 1ª ed. do Dom Quixote de la Mancha, escrito pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes. Livro fundador do romance moderno e um rico manancial de cultura popular e das novelas de cavalaria da idade média.

A figura do grande cavaleiro inspirou muitos romances, peças de teatro, balés, óperas, filmes, canções e musicais.

Don Quixote de la Mancha, a história do Cavaleiro da Triste Figura escrita pelo espanhol Miguel de Cervantes Saavedra, já foi traduzido para todos os idiomas cultos do planeta e é considerado o maior livros da literatura mundial. A história do nobre cavaleiro Dom Quixote, que se lança numa guerra contra os moinhos de vento, vem fascinando leitores no mundo inteiro desde a sua primeira edição em 1605 (1ª parte) / 1615 (2ª parte).

Para o cinema o D. Quixote foi transportado desde os primórdios da sétima arte e a história de cavalaria, lutas e aventuras, de amor e amizade se adapta muito bem ao cinema.

A filmografia sobre a obra cervantina é extensa e poucas vezes esses filmes traduziram a riqueza da obra literária imortal. Foram feitas versões muito estilizadas como por exemplos as animações australianas, francesas, búlgaras, espanholas e alemãs.

Monsenhor Quixote, inspirado no Dom Quixote é uma versão baseada na novela do escritor Inglês Graham Greene, transportada para o cinema, onde o Quixote (Alec Guinness) é um sacerdote e Sancho (Leo Mckern) o prefeito comunista da mesma aldeia. Os dois viajam para a Espanha no coche do clérigo a que chamam Rocinante e numa viagem salpicada de piadas encontram a Guarda Civil, visitam um cinema e uma casa de má reputação. Essa versão do grande romancista Greene é fruto da sua viagem na companhia do sacerdote Leopoldo Duran.

O Roteiro Cervantino

Numa pequena aldeia da Mancha, província Espanhola, vivia um fidalgo. Homem de costumes rigorosos e decadente fortuna. Don Quijada, Quesada ou Quejano, nisto discordam alguns autores que escreveram sobre o caso. Só mais ao final da novela ficamos sabendo que trata-se de Alonso Quijano. Vivia da exploração de suas propriedades, que mal lhe rendiam para manter uma simples aparência de abastança. Morava com uma sobrinha com menos de 20 anos, uma criada quarentona e um criado que cuidava do seu cavalo e fazia os serviços do campo. Aos 50 anos, magro, alto, de gestos imponentes e uma certa altivez estudada, era mais conhecido por sua enorme biblioteca, onde empenhava toda a moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de suas terras. De tanto ler foi se distanciando da vida cotidiana e entrando naquele mundo fantástico de encantamentos, batalhas com gigantes e amparo a donzelas.

Eram seus amigos o padre da aldeia, o barbeiro e Sansão Carrasco. Todo cavaleiro tem que ter um fiel escudeiro, e os dois: - Dom Quixote e Sancho Pança - formam um dos pares mais famosos de toda a literatura. À força de tanto ler-imaginar, foi-se distanciando da realidade a ponto de já não poder distinguir em que dimensão vivia. Varando noites e noites à luz de candeeiro, lia e relia e reconstruía, á sua maneira, o desenrolar dos famosos livros de cavalaria.

Pabst 1933

Primeira adaptação digna de crédito da novela de Cervantes teve lugar nos primórdios do cinema sonoro em forma de musical. A gestação foi árdua e aconteceu em circunstancia difíceis num tempo de graves crises econômicas. Um magnata grego residente em Londres teve a idéia de filmar o famoso baixo de ópera russo Feodor Chaliapine Sr. como o D. Quixote e convidou o escritor francês Paul Morand para fazer uma adaptação com trilha sonora de Maurice Ravel. O diretor austríaco Georg Wilhelm Pabst, que acabara de rodar uma versão cinematográfica da novela de Pierre Benoit "La Atantida". Ravel desistiu, e a música ficou a cargo de Jacques Ibert. A produção se arrastou com o peso do contrato vultoso com o cantor e se transformou num caos. A produção reiniciou no outono de 1932. As externas foram filmadas na alta Provença e os interiores nos estúdios da Billacourt e Niza. Foi filmado simultaneamente em Francês e Inglês. Do roteiro original só foi filmado um terço por falta de fundos. O restante foi substituído por cenas cantadas para proporcionar uma duração comercial. Completa o elenco Renee Valliers como Dulcinea, George Robey como Sancho Pança na versão inglesa, René Donnio é o Sansão Carrasco, Emily Fitzroy é a esposa de Sancho Pança. Na versão francesa Sancho é Dorville . Versão realizada em três tempos num mesmo ano, em três diferentes idiomas: Francês, Inglês e Alemão. As três versões usaram o mesmo roteiro, sets e costumes, e todas foram estreladas pelo grande baixo russo Feodor Chaliapin.

O Homem de la Mancha

O Homem de La Mancha (no original, Man of La Mancha) é um musical escrito por Dale Wasserman, com música de Mitch Leigh e letras de Joe Darion, baseado no D. Quixote de Cervantes.

Na Broadway, o musical foi apresentado pela primeira vez em 1965 e foi reapresentado inúmeras vezes, tornando-se um dos mais célebres musicais de todos os tempos. A versão brasileira desse musical foi um tremendo sucesso e teve Bibi Ferreira como Dulcinéia e Paulo Autran como o Quixote. Direção de Flávio Rangel. As letras das canções foram adaptadas para a peça por Chico Buarque e Ruy Guerra. A canção, The Impossible Dream, tornou-se um clássico.

"Sonhar mas um sonho impossível / Lutar quando é fácil ceder/ Vencer o inimigo invencível/ Negar quando a regra é vencer/ Sofrer a tortura implacável/ Romper a incabível prisão/ Voar no limite improvável/ Tocar o inacessível chão/ É a minha lei / É a minha questão/ Virar esse mundo/ Cravar este chão/ Se é terrível demais/ Não importa saber/ Quantas guerras terei de vencer/ Por um pouco de paz/ E amanhã esse chão que eu bejei, for meu leito e perdão/ Vou saber que valeu delirar e morrer de paixão/ E assim seja lá como for/ Vai ter a fim a infinita a aflição e o mundo vai ver uma flor/ Brotar do impossível chão".

O Homem de la Mancha - O filme

Inspirado nesse musical foi realizado o filme com igual sucesso estrelado pelos grandes atores Peter O'Toole (Miguel de Cervantes e Quixote) e Sophia Loren (Aldonza e Dulcinéia), em 1972. Belo musical e belos cenários numa adaptação livre do Cavaleiro da Triste Figura em que Dulcinéia na figura de uma mulher de programa, acaba lutando em defesa do Quixote e se apaixonando pelo nobre Cavaleiro.

Durante a Inquisição na Espanha Miguel de Cervantes (Peter O'Toole) é preso como herege, por propagar pensamentos subversivos. Ele é jogado em um calabouço, ocupado também por ladrões e assassinos, e é "julgado" pelos prisioneiros. Para se defender Cervantes conta a história de um homem idoso, que passa os dias e as noites lendo e só consegue ver a injustiça e a trapaça triunfarem. Ele se torna um cavaleiro errante, conhecido como Don Quixote de la Mancha, que decide lutar contra as injustiças do mundo. Durante o "julgamento" Cervantes se transforma em Don Quixote, para poder fazer a sua defesa.

Para a televisão foram feitas inúmeras versões. Uma das mais belas é a protagonizada pelo ator espanhol Fernando Rey. O filme *El Quijote* de Miguel de Cervantes foi dirigido por Manuel Gutiérrez Aragón em 1991. Os diálogos desse telefilme foram escritos pelo prêmio Nobel Camilo José Cela seguindo a estrutura do livro.

O Quixote de Orson Wells (1992)

Apassionado pela Espanha, Orson Welles, um dos maiores, mais brilhantes cineastas de todos os tempos, dedicou boa parte de sua vida ao Dom Quixote e suas aventuras no mundo da Lua. Uma tarefa deixada inacabada, mas ainda assim com a marca do gênio em fotogramas aquarelas de assombrosa beleza. Welles filmou as primeiras cenas do seu Quixote em Paris, em 1955.

O filme mostra as gentes e costumes espanhóis, destacando as largadas e as corridas de touros que tanto fascinavam Welles, sem deixar de lado tradições populares como as Festas dos Mouros e dos Cristãos, ou as procissões religiosas. As excepcionais interpretações de Reiguera e Tamiroff, tal como as aparições de Welles em algumas cenas, fazem desta obra híbrida um documento absolutamente imprescindível na filmografia da quixoteana. Logo no início do filme aparece o diretor Orson Welles. Num meta-cinema Sancho Pança entra como ator fazendo um filme dentro do filme de Welles. Compra um telescópio e procura desesperadamente Dom Quixote na Lua. Ouve um rádio falando de viagem a Lua e fica interessado. O Quixote intercepta uma moça que aparece dirigindo uma moto e assim começa a versão do Wells que tem belas e aquareladas fotografias em preto e branco que combinam com o tom onírico da história que vai ser contada da saga de um nobre cavaleiro que acredita nos seus sonhos e resolve deixar o mundo dos livros e lutar contra as injustiças do mundo.

Em 2000 foi lançado no USA uma bela versão protagonizada pelo grande ator John Lithgow (Dom Quixote), Bob Hoskins (Sancho Pança), Vanessa L. Williams (Dulcinéia de Toboso, a paixão platônica do Quixote) e a bela Isabella Rossellini como a sobrinha do Quixote. O roteiro é do teatrólogo Inglês John Mortimer.

Um das grandes riquezas da novela Cervantina são os diálogos entre o Quixote e Sancho. O roteiro do Mortimer privilegia esse diálogo entre o cavaleiro sonhador e o

seu fiel escudeiro que não esquece a barriga: palavras não enchem barriga; bons livros não dão comida, reclama Sancho ao cavaleiro que só pensa em aventuras – a batalha é o meu leito favorito. Há um mundo além da Mancha, filosofa o Quixote. Vendo os moinhos- de -ventos o Quixote trava luta ferrenha pensando ser os gigantes Malfato ou Necromonte com seus enormes braços. E Sancho com seu pragmatismo: - diga o que quiser ainda são moinhos.

Quixote consegue tomar de um transeunte uma bacia de barbeiro que - para ele - era o Elmo de Mambrino (que teria pertencido a um cavaleiro famoso das histórias de cavalarias). Mais adiante está acontecendo uma encenação teatral entre Mouros e Cristãos e o Quixote entra no retábulo e toma parte na trama como se fizesse parte da peça e é aplaudido entusiasticamente numa das mais célebres cenas do livro de Cervantes. Essa cena no livro é com marionetes. Manuel de Falla, inspirado nessa cena da 2ª parte do Quixote, compôs o “El Retablo de Maese Pedro”.

O filme segue mantendo a sequência do livro numa feliz adaptação que privilegia o roteiro original, bastante cinematográfico. O Quixote luta com o Cavaleiro da Branca Lua e perde. Precisa voltar para casa, esse era o trato. “O tempo dos sonhos acabou”. “Eu tirei proveito de mim mesmo”. Belo roteiro adaptado de um livro impossível de ser transportado para a tela naquilo que não tem correspondência nas muitas leituras e infinitos planos suscitados pela leitura.

Filmes baseados ou inspirados no Dom Quixote

1898 – Dom Quixote Produzida pela Gaumont (França)

Breves cenas mudas em B/ P

1903 Aventures de Don Quichotte de la Manche. Ferdinand Zecca, Lucien Nonguet.
B/P Mudo Pathé.

1908 -Don Quijote Narciso Cuyás Espanha Arturo Buixens (Don Quijote) B/P Mudo

1909- Don Quichotte Emile Cohl França Cortomet. B/P/Mudo

1909- Don Quichotte Georges Méliès França Cortomet. B/P Mudo

1909 -Monsieur Don Quichotte Paul Gavault França

1910- Don Chisciotte Produzida por Cinés Itália. Curta Italiano

1912- Don Quichotte Camille de Morlhon França

1915- Don Quijote Edgard Dillon EUA. Filme mudo estrelando o cantor e comediante DeWolf Hopper (Don Quijote), Max Davidson (Sancho Panza) B/P. Mudo

1915- Il sogno de Don Chisciotte Amleto Palermi Italia

1923- Don Quijote Maurice Elvey G.B. Jerrold Robertshaw (Don Quijote), George Robey (Sancho Panza), Mudo B/P

1926- Don Quixote mudo co-produção espanhola- dinamarquesa dirigida por Lau Lauritzen Sr., estreando o duo de comediantes Pat and Patachon (Carl Schenstrøm and Harald Madsen). Lau Lauritze Dinamarca Carl Schenstrom, Harald Madsen B/P

1933- Georg Wilhelm Pabst França/GB. 73 min.

Don Quixote

1934- Don Quixote, cartoon cômico colorido dirigido por Ub Iwerks (1901 – 1971), o criador da personagem do Mickey Mouse. Livrementemente inspirado no livro. A liberdade do Ub Iwerks faz com que Don Quixote destrua o moinho de vento e emita um som de triunfo à moda de Tarzan

1947- Dulcinea Luís Arroyo. Espanha Ana Mariscal (Dulcinea) Baseada na obra de Gaston Baty

1947 - Don Quijote de la Mancha, a 1ª versão espanhola de um longa dirigido por Rafael Gil, com as primeiras aparições no cinema de Sarita Montiel e Fernando Rey. Narração linear e episódica de algumas cenas do livro.

1948- El curioso impertinente. Flavio Calzavara, Espanha
Filme baseado na adaptação teatral de Alessandro Di Stefani da novela O Curioso Impertinente inserida no D. Quixote. Com Aurora Bautista, José María Seoane, Roberto Rey, Rosita Yarza e Valeriano Andrés.

1952 - Versão para TV do Don Quixote Sidney Lumet EUA Boris Karloff (Don Quijote), Grace Kelly (Dulcinea) CBS

1955/1992 Don Quijote Orson Welles Retocada e montada por Jesús Franco EUA /Espanha 111 min.

1954- Aventuras de D. Quixote. Versão para TV Brasil B/P

1956- Dan Quihote V'Sa'adia Pansa Nathan Axelrod Israel

1957 - Don Kikhot Direção de Gregory Kozintsev URSS. Tendo o grande ator Nicolai Tcherkassov (Alexandre Nevski e Iván o Terrível, de Eisenstein), como Dom Quixote e Yuri Tolubuyev como Sancho. Música de Gara Garayev. Com cores e clima onírico numa comunhão entre Goya/ Cervantes

1965 - Don Quijote. Versão francesa/ alemã para TV, direção de Carlo Rim. Josef Meinrad como Don Quijote.

1965- Don Quichotte. Curta metragem pedagógico. francês dirigido por Éric Rohmer

1972- Man of La Mancha Arthur Hiller EUA 125 min Peter O'Toole (Don Quijote / Miguel de Cervantes / Alonso Quijano), Sophia Loren (Aldonza / Dulcinea), James Coco (Sancho Pança) Musical a partir da obra teatral de Dale Wasserman

1973 - Don Quijote cabalga de nuevo, dirigido por Roberto Gavaldón, uma comédia mexicana/ espanhola com Cantinflas no papel de Sancho Pança e Fernando Fernán Gómez como Dom Quixote.

1973- The Adventures of Don Quixote, uma versão britânica feita para a televisão. Com Rex Harrison e Frank Finlay. Direção de Alvin Rakoff e roteiro de Hugh Whitmore.

1973- Dom Quixote. Versão para balé do “Minkus ballet”, estrelando Rudolf Nureyev, Lucette Aldous, Robert Helpmann (como Dom Quixote) e artistas do balé australiano.

1980- Don Quixote: Tales of La Mancha (1980). Série de animação japonesa produzida por Ashi Productions e distribuída pela Toei Animation.

1988 - Life of Don Quixote and Sancho (1988). Série de nove episódios, filmados na Geórgia e Espanha pelo diretor Georgiano Rezo Chkheidze.

1991- El Quijote de Miguel de Cervantes, minissérie para TV da parte I do D. Quixote, dirigida por Manuel Gutiérrez Aragón, escrita pelo premio Nobel Camilo José Cela.

2000- Uma outra versão para TV do Don Quixote foi dirigida por Peter Yates (Bullit), numa co-produção do Hallmark Channel e Turner Network

2002- Tentativa frustrada do cineasta Terry Gilliam (Irmãos Grimm) de filmar The Man Who Killed Don Quixote. Esse projeto foi retomado com substituição do ator Johnny Depp, que participava do projeto original.

Dr Fausto no Cinema

"Do céu, através do mundo, até o inferno "
(Fausto, Prólogo no Palco)

Introdução:

A gênese da personagem

Há dois séculos era lançada a primeira parte do Fausto de J. Wolfgang Goethe. O maior livro da literatura alemã e um dos grandes clássicos da literatura universal. A elaboração do Fausto acompanhou toda a vida de Goethe, e é inspirada numa lenda popular alemã que relata a tragédia de um homem de ciência, Dr. Fausto, que está desencantado com a vida acadêmica do seu tempo e faz um pacto com o demônio Mefistófeles, que lhe insufla novas paixões pelo saber. A figura lendária do Fausto surge no renascimento em muitos relatos e narrativas. A primeira transposição literária dessa lenda foi feita pelo livreiro e escritor de Frankfurtam Main, Johann Spiess, em 1587. O livro "Historia von D. Johann Fausten" do Spiess foi a fonte de outros livros sobre a famosa personagem cuja temática remonta à idade média. Um livro enciclopédico que incorporou as muitas leituras do polígrafo Goethe.

Durante toda a metade do século XX essa personagem foi recorrente nas artes e na literatura. O dramaturgo inglês e grande poeta Christopher Marlowe (1563-1593) transforma o Fausto numa famosa peça teatral impressa em 1605 que ganhará os palcos do mundo inteiro, e o escritor alemão Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) cria uma versão com um final menos trágico da famosa personagem de hybris sem limites.

Entretanto, seria através do poeta Johann Wolfgang von Goethe que o Fausto ganharia a sua maior expressão dramática e literária. A trama central do livro é o pacto do Dr. Fausto com Mefistófeles, pela ânsia de saber sem limites. Fausto seduz Margarida e abandona-a. Desesperada ela mata o filho e condenada á morte expira dos braços do Fausto.

O escritor Klaus Mann escreveu o romance Mefisto, e fez do seu livro um libelo antifascista. Inspirado na mesma personagem, o pai do Klaus - Thomas Mann -, escreveu o belo romance filosófico Doutor Fausto.

Assim como o Quixote, o Fausto é uma personagem que se transforma num mito arquétipo da busca humana. Um mito eterno nas artes, ciência e literatura. Poetas como Puchkin, Paul Valéry e Fernando Pessoa o revistaram.

Como todos os grandes clássicos da literatura essa obra foi adaptada diversas vezes para o teatro e cinema. Nas artes plásticas não poderia ser diferente, e o Fausto foi ilustrado por muitos artistas que se deixaram fantasiar pela rica iconografia que a obra sugere. O grande pintor francês Eugene Delacroix ilustrou com lindas litografias uma belíssima edição do Fausto, em 1828.

O pintor suíço Johan H. Fuseli pintou o bellissimo quadro Nachtmahr (pesadelo), ser fabuloso da mitologia nórdica, que no Fausto transforma-se no cavalo dotemível Mefistófeles. A Noite de Walpurgis foi pintada por Ramberg (1763-1840).

Nessa noite que antecede o primeiro de maio, as feiticeiras e os espíritos demoníacos se reúnem para celebrar o seu sabbat com grandes orgias. Foi inspirado na Noite de Walpurgis (Valburga na tradução de Castilho) - um ritual com origem nas festas pagãs medievais que antecedia a primavera - que o compositor italiano Arrigo Boito escreveu sua ópera Mefistófeles(1868). Outros grandes compositores foram sensibilizados pelas aventuras do Dr Fausto. O compositor Hector Berlioz escreveu a ópera dramática "A Danação de Fausto" (1846). Wagner escreveu a "Abertura Fausto". Em 1859, o

compositor Charles Gounod estreou com grande sucesso sua ópera Fausto, no Teatro Lírico de Paris.

O Fausto no cinema

No cinema, a primeira representação conhecida do mito surgiu em 1904, em um filme francês dirigido por Georges Fagot para a companhia Pathé Frères. Desde então, muitas outras películas foram produzidas abordando o tema da célebre personagem. Entre os filmes mais famosos está o do diretor alemão F. W. Murnau. "Fausto" (Faust - Eine Deutsche Volkssage, 1926). Filme pertencente ao final do grande expressionismo alemão.

O Fausto de Murnau é um dos marcos da sétima arte e foi produzido numa época em que o nazismo já mostrava suas garras. Uma superprodução da UFA - Universum Film A. G., produtora criada pelo estado para fins de propaganda do Estado e depois privatizada. Roteirizado por Hans Kyser, baseado na peça A História Trágica do Doutor Fausto (1588), de Christopher Marlowe, no Fausto de Goethe e no folclore nacional alemão.

Para escrever as legendas, a UFA contratou o grande poeta alemão Gerhart Hauptmann, A bela cenografia ficou a cargo dos conceituados Robert Herlth e Walter Röhrig, que trabalharam também com o desenho de figurinos, auxiliados por Georges Annenkov.

"Engenhosidade técnica foi esbanjada em aparições angelicais e truques mágicos demoníacos. A câmera de Karl Freund corria num carrinho de rodas de sua própria invenção através de um amplo ambiente construído em estúdio cheio de cidades, florestas e vilas, e as vistas assim obtidas fizeram com que os espectadores fossem capazes de participar da viagem aérea que Mefistófeles faz com o rejuvenescido Fausto. Seu vôo dava uma sensação celestial". (Kracauer, S. in De Caligari a Hitler pp. 174).

O filme não fez sucesso na pátria de Goethe que vivia outros fantasmas. A história de amor entre o Fausto e Margarida foi vulgarizada e o conflito metafísico da personagem diluído. Mesmo assim o filme é um marco da história fílmica do Fausto. Explora muito bem o chiaroscuro em belas fotografias e textos que se articulam de forma magistral.

"A Terra jamais será sua e o homem é de Deus"

As imagens fazem sonhar e a magia do cinema não foi perdida nesse filme pioneiro e antológico. O filme do Murnau explora os cenários externos, usa pouca maquiagem e a câmera e seus travellings é um ponto alto. Imagens algumas vezes saturadas realçam o tom sinistro da história. Apesar da histrionicidade e teatralidade de algumas cenas o desempenho dos protagonistas do filme do Murnau, Gösta Ekman (Faust) e Emil Jannings (Mefistófeles) é muito bom. O Filme é um registro do excepcional ciclo do cinema mudo alemão, que forneceu outros grandes clássicos da história do cinema.

Fausto, condenado pela juventude, busca redenção. Deseja um lar e pretende retornar para a sua casa. Férias, diz para a mãe, Na sua cidade é dia de Páscoa onde acontece uma famosa festa. Fausto continua buscando o amor e encontra na

figura de uma mocinha da sua Cidade que vê saindo de uma igreja. No caminho entre ele e a moça existe o seu irmão Valentim que Fausto mata com ajuda de Mephisto.

"Sua amada está iluminando seu caminho, eu vou tirar o irmão do caminho".

Antes, tinha oferecido a Margarida uma corrente de ouro para que ela sentisse o poder do diabo, numa bela trama urdida por Mephisto. A moça está confusa com a aparição daquele presente e da presença repentina do jovem Fausto. O que você tem criança? Diga a mãe de Deus se não quiser me dizer, fala a mãe. A Jovem pede para visitar a tia, que havia preparado um elixir do amor. Oferece a Mefistófeles que rejeita e pede para preparar uma bebida que aprendeu a fazer em Pádua e quem tomá-la fica inconsciente.

A bebida é certa. A tia toma a bebida e cai na armadilha preparada por Mephisto. Fausto e Mephisto se complementam num jogo de espelhos. A mãe percebe o jovem se aproximar da sobrinha e Mephisto prepara mais uma cilada: Meu amigo é um príncipe de sangue nórdico, diz para a Tia de Margarida.

Ninguém é mais bela que Gretchen /Margarida (Gretchen foi o primeiro amor do escritor Goethe) Depois de seduzida a jovem tem um filho que nasceu a pleno frio. O filho é morto precocemente e a mãe julgada e acusada de criminosa. Vai para a fogueira,

Fausto está arrependido. A juventude só lhe trouxe miséria. Mas você a desejou e eu realizei, diz Mephisto triunfante.

Só uma palavra salva: Liebe, Love, Amor.

Remake do Fausto

Baseado na obra A História Trágica do Doutor Fausto (1588) de Christopher Marlowe, em 1967 foi lançado o filme Doctor Faustus estrelado e co-dirigido por Richard Burton (com Neve Longbottom). Trabalho que registra uma performance dada por Burton na Universidade de Oxford em 1966. Participação de Elizabeth Taylor como amada do Fausto. Uma versão livre que privilegia os famosos monólogos da história trágico/cômica da famosa personagem obcecada pelo conhecimento e beleza. O personagem de Richard Burton é um professor laureado que faz o pacto - assinado com sangue - com Mefistófeles (Andreas Teuber) em busca do conhecimento e também para experimentar o máximo da felicidade humana, confrontando-o com os sete pecados capitais.

O filme começa com Dr. Faustus (Richard Burton) na sua vasta biblioteca lendo Aristóteles. Lamentando a inutilidade do saber humano e tudo que havia estudado, inclusive a teologia. Resolve dedicar-se às artes proibidas da magia. Invoca o espírito da Terra, o grande espírito que sustenta a vida e rege a história. "A palavra do pecado é a morte". Entra em cena o seu assistente Wagner. Pede para chamar Valdes e Cornelius, seus assistentes. Wagner sai. Fausto continua o monólogo e pensa em suicídio.

Nesta busca da felicidade invoca as rainhas Penélope e Sabat. Seu pacto com Mefistófeles permite o encontro com a bela Helena de Tróia, interpretada pela

exuberante Elizabeth Taylor. Ao encontrar Helena, Fausto declama a célebre frase: " Foi este foi o rosto que abateu mil navios e colocou fogo nas torres! Venha Helena faça-me imortal com um beijo".

O beijo de Helena suga a sua alma. Vejo voando a alma em troca do poder. As horas passam e Fausto se desespera ao chegar o final das 24h do pacto

com o Diabo. E o filme termina em mais um longo monólogo interpretado por Richard Burton numa versão fraca e com muitos efeitos especiais para emoldurar as falas da personagem.

Num desespero diz o Doctor Faustus: Venha a danação eterna. Pare o tempo! E o céu não obedece e fica avermelhado. O Fausto vê sangue no firmamento e invoca o sangue de cristo para que com um só pingo o salve da danação do inferno. Tudo fica avermelhado e o Fausto encontra Helena e outras mulheres no além. - Sentenciada, diz o diabo. - Salva, fala a voz celeste.

Dr Faustus pronuncia a célebre frase: "o pecado do mundo é a morte"

O Fausto de Goethe termina com as cenas do céu, que são tangíveis porque brotam de uma esperança utópica na renovação e liberação do homem baseado em fundamentos econômicos e na moralidade social (Lukács)

Madame Bovary

De Renoir a Chabrol em uma das mais famosas e trágicas personagens da literatura mundial.

Baseado no romance homônimo do escritor francês Gustave Flaubert (1821- 1880) narra a história trágica de uma mulher que se entedia com a vida e com o casamento sem amor. Na França do século XIX Emma é uma jovem camponesa que vive numa pequena cidade do interior da França.

A vida provinciana sufoca a jovem Emma que ao sair do convento se casa com um rico médico, Charles Bovary, que conheceu quando ele foi cuidar de seu pai quando este quebrou a perna, apenas para obter ascensão social. Charles, além de ser mais velho, é bem metódico.

À medida que transcorre o infeliz casamento cresce o desapego e a distancia da inquieta Emma do marido, pois as conversas dele eram "planas como o chão" e isto a entediava ainda mais. Sentindo um claro desprezo por seu marido, Emma passa a ter relações extraconjugais e fazer grandes gastos com o agiota e vendedor sem escrúpulos senhor Jean-Louis Maury (Lhereaux). Rodolphe recebia ricos presentes da amante Emma. Em um sinete recebido tinha a máxima "Amor nel cor". Além disso, Rodolphe recebeu uma estola para servir de cachecol e um porta-cigarros idêntico ao do visconde (Madame Bovary, G. Flaubert)

Para preencher a monotonia a protagonista ler muitos folhetins e acaba por se envolver com amantes e dívidas advindas da compra de roupas e presentes para os namorados.

Emma é uma das grandes personagens trágicas da literatura mundial, e modelo para muitas outras heroínas.

Uma das histórias mais famosas da literatura mundial escrita por um ourives da palavra, Flaubert, que disse certa vez “Madame Bovary c’est moi”. O romance foi publicado com o subtítulo *Costumes do Interior* (*Moeurs de province*) em quatro folhetins no periódico *La revue de Paris*, em 1856. Causou escândalo e Flaubert foi processado no Tribunal de Paris por ofensa à moral pública e à moral religiosa. No cinema essa história foi filmada diversas vezes. Comentamos aqui a versão feita por Jean Renoir (1934) e o remake de Claude Chabrol (1991).

No filme de Claude Chabrol a história trágica de Emma Bovary é protagonizada pela excelente atriz Isabelle Huppert e na versão do Renoir Emma é vivida pela atriz Valentine Tessier. Um belo filme, mas a atriz é um pouco velha para o papel da jovem e sedutora Emma Bovary, cansada da vida insossa e tacanha do interior.

O médico Charles vem atender o pai de Emma e é seduzido pela beleza da filha que o convida a tomar um licor. Emma lambe lubricamente o fundo do cálice. No colégio - ela comenta-, fingia desmaiar para ser mimada. Ama a música e toda primeira sexta feira do mês costuma colocar flores no túmulo da mãe.

O pai de Emma é um alcoviteiro do casamento da filha com Charles. Acontece o casamento, a festa e o pedido da sogra para cuidar bem do filho. Logo Emma percebe o fosso entre ela e o marido que é tão plano como o chão. O marido médico é um fracassado na profissão. Ao operar um deficiente físico da cidade numa operação desastrosa que acaba agravando a situação e o paciente precisa amputar a perna.

A história oscila conforme o humor da triste Emma que não sabe lidar com a filha Berthe. Para completar o quadro sombrio ela recebe a triste notícia que Léon vai morar em Paris. Léon vem se despedir e Emma pergunta: - É à inglesa!

Na *Madame Bovary* de Jean Renoir (1934), além da atriz Valentine Tessier no papel da triste Emma, são corretos os desempenhos do irmão do Jean Renoir, Pierre, no papel do marido traído Monsenhor Bovary; Max Dearly como o amigo anti-clerical e Pierre Larquey (Hippolyte), o homem que Dr Bovary opera sem sucesso. O filme tem trilha sonora do Darius Milhaud V começa com a mulher do Charles ainda viva na fazenda dos Bertaux. Emma vê uma gravura de Mary Stuart e aspira ter vivido naquele tempo onde havia mais nobreza de sentimento.

Ao procurar ajuda na Igreja, Emma se depara com um padre distraído com os meninos, que acredita que quem tem pão e casa é abençoado por Deus. Emma diz que não é remédio terreno que procura; tenho pão mas não tenho o fogo do inverno.

Numa outra cena Emma marca um encontro com o amante na Igreja e sem interesse em visitar as belezas do templo sagrado, sai num longo passeio sem destino com o amante dentro de um fiacre com cortinas fechadas. Ao sair tem o vestido todo amarrotado, num escândalo para a época em que o livro foi escrito.

Emma tenta o suicídio após ler a carta do amante desistindo da fuga e é salva pela criada. Bela a cena do filme onde projeta a sombra da mão de Emma segurando o

crucifixo. Emma havia se envenenado com Arsênico. A câmera assume o olhar transfigurado e distante da heroína que num único lampejo de vida ainda vê a imagem do cego que a persegue em várias ocasiões. As cenas são teatrais e pouco convincentes, embora belas as fotografias em preto e branco.

O filme *Madame Bovary* de Chabrol tem belos figurinos e cenários numa direção sóbria que privilegia o roteiro baseado no grande romance. Esteve melhor no papel de Emma a bela atriz Isabelle Huppert e os outros personagens dessa trágica história. Muito bom Jean-François Balmer no papel do marido corno Charles Bovary e o Christophe Malavoy (Rodolphe Boulanger) no papel do amante sedutor.

O casal é convidado para um baile na casa do Visconde e esnoba o marido o marido que observa ela dançando. Emma ouve as conversas sobre um outro mundo glamouroso e ao sair baile comenta: “é o dia mais lindo da minha vida”. Ficaria lembrando desse dia durante muito tempo.

Ao sentir o abatimento da mulher que não sente mais prazer em nada; abandonou a música e já leu tudo. O atencioso Charles sugere deixar Tostes e ir para Yonville. Leu Walter Scott. Encantou-se com as grandes heroínas da história: Joana D’arc, Heloísa – a amante de Abelardo, Agnès Sorel e muitas outras. Fez assinaturas dos jornais femininos *Corbeille* e do *Sylphe des salons*. No filme, Léon pergunta se ela não vai renovar a assinatura do *Farol de Rouen* (cidade da França onde Flaubert nasceu).

Tomam a hirondele e na nova cidade eles são recepcionados pelo farmacêutico Homais, grande personagem. Ele é contra as crenças religiosas e preconceitos, em que as pessoas deixam de frequentar o médico para se entregar a religião.

Emma conhece o jovem o jovem Léon e logo se apaixona pelo belo rapaz que ler para ela e adora música alemã. Entra em cena o inescrupuloso negociante de roupas e jóias Lhereux que oferece a Emma belos vestidos que ao comprá-los o leva à bancarrota após assinar inúmeras promissórias e não poder saudá-las. Depois, quando Emma pensa em fugir encomenda ao escroque uma capa, uma mala e um saco de dormir. A dívida aumenta.

Na nova cidade Emma se deixa levar na lábia de um galanteador que a seduz e abandona depois que ela completamente apaixonada propõe uma fuga em conjunto. Acertada a fuga, Emma recebe uma carta do amante pedindo que esta o esqueça. No livro, o amante não aparece na noite da fuga. A interpretação de Huppert é bastante convincente num rico papel de uma personagem muito bem construída e complexa.

Sem inovações estéticas, os filmes de Renoir e Chabrol são bem convencionais e contam bem o enredo em diálogos semelhantes aos do livro, que foi fortemente cortado. O filme do Renoir tinha uma duração bem maior, três horas e meia quando da sua produção original.

Muito teatrais as cenas são sempre muito paradas e com a câmera distante dos personagens.

Numa das cenas principais do filme acontece um entrelaçamento de cenários em três níveis, conforme observa o professor Samuel Titan Jr ao comentar o filme lançado em DVD. Num dos planos, Boulanger seduz Emma e diz que a paixão é. Em um outro plano acontece a feira com os animais e no outro o palanque com o prefeito discursando. Rodolphe já havia convidado Emma para passear a cavalo e tentado os primeiros beijos e abraços de uma relação amorosa que duraria alguns meses. O marido compra uma égua para a mulher se divertir.

A cena onde acontece simultaneamente a feira e o comício está muito melhor caracterizada no filme de Chabrol. Rodolphe tece um longo discurso amoroso que deixa Emma entregue aos seus beijos ao falar da paixão como a única coisa honesta da vida. E da conspiração da sociedade contra o amor num viver só (sem metas) e de um dever advindo das convenções burguesas.

Flaubert sabia das contradições da vida. “Havia em Flaubert um romântico que achava a realidade rasa demais, um realista que achava o romantismo vazio, um artista que achava os burgueses grotescos, e um burguês que achava os artistas pretensiosos”. Madame Bovary é o Dom Quixote de saias e a sua derrota é a derrota da vida.